

35 anos de história e transformação

Do sonho de Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer ao ícone cultural de São Paulo, o Memorial celebra três décadas e meia de histórias e união latino-americana

Ao procurar pela palavra "memorial" no dicionário, encontramos a descrição de uma instituição permanente, de interesse geral, voltada para a preservação e propagação de informações históricas compostas de dados, documentos e imagens relativas a pessoas, instituições ou lugares.

Quando aplicado ao museu localizado na linha vermelha em São Paulo, a interseção entre "memorial" e "memória" se revela de forma tangível e simbólica. O espaço, conhecido por seus festivais, eventos e exposições, carrega as memórias coletivas da América Latina, onde são preservadas e celebradas.

Inaugurado em 18 de março de 1989, o Memorial da América Latina foi concebido como um espaço de integração e celebração das culturas que compõem nosso vasto continente. Para seus idealizadores, o Memorial ia muito além de uma simples obra arquitetônica e se manifestava como a realização do sonho de garantir a união dos povos e exaltar sua diversidade cultural. Cada estrutura do complexo, desde a Biblioteca Latino-Americana Victor Civita até o Auditório Simón Bolívar, foi pensada para ser um ponto de encontro de ideias, expressões artísticas e diálogos entre os países latino-americanos.

O samba de uma nota só de Oscar Niemeyer

"Esse edifício parece que flutua", ao entrar na Biblioteca Latino-Americana pela primeira vez, essas foram as palavras de Lúcio Gomes, arquiteto modernista brasileiro, famoso mundialmente pelo Plano Piloto de Brasília.

O episódio é contado com entusiasmo por Ciro Pironi, arquiteto e urbanista com mais de 40 anos de carreira. Ex-diretor da Fundação Oscar Niemeyer, Ciro atualmente integra o conselho diretivo e dirige a Escola da Cidade em São Paulo e a Fábrica Escola de Humanidades.

Durante a conversa com a *Revista Memorial Cultural*, Ciro relembra com clareza o encontro. "Lúcio tinha vindo a São Paulo uma vez, em 1933, para convidar outro arquiteto a fazer a Escola de Belas Artes do Rio. Em 1989, 50 e poucos anos depois, consegui trazê-lo de volta a São Paulo para um Congresso Brasileiro de Arquitetura, e o Memorial estava recém-inaugurado. Ele disse: 'Ciro, a primeira coisa que eu quero ver é o Memorial'".

Com uma mistura de nostalgia e orgulho, Ciro conta como levou Lúcio ao museu, acompanhado por sua filha e neta. Ao entrarem na biblioteca, Lúcio se acomodou em uma cadeira no meio do salão e, com um olhar atento, observou cada detalhe do ambiente. "Ele falava: 'Esse Oscar, hein? Ele é formidável! Olha essa estrutura! Parece que flutua, você não vê onde estão os apoios'. Era a visão de um mestre da arquitetura sobre outro mestre", diz.

Para Ciro, a biblioteca é a joia do Memorial. Segundo ele, existe a harmonia, a proporção e o espaço cultural como elementos que tornam o edifício tão importante. Quando questionado sobre o que o próprio Niemeyer dizia sobre as críticas referentes ao eco produzido pelo espaço, Ciro conta que o arquiteto ficava bravo com a pontuação. "Ele falava para mim com aquele sotaque carioca forte: 'Pironi, essas pessoas não entendem que biblioteca é para ficar em silêncio'".





A Biblioteca Latino-Americana

“Costumo dizer que é como o samba de uma nota só, em que um único elemento é usado para criar um complexo de mais de 80 mil metros quadrados. Isso é, sem dúvida, uma maravilha.”

Ciro Pironi

A verdade é que não há nenhum livro de história da arquitetura do século XX, em qualquer parte do mundo, da Ásia ao Ocidente, que não coloque Niemeyer entre os 10 principais arquitetos do século. Esse fato por si só é uma honra imensa, pelo simples detalhe dele ser brasileiro.

De acordo com Pironi, o Memorial é colocado numa dimensão que abrange as quatro fases do trabalho de Oscar Niemeyer. Com uma vida longa e produtiva, sua obra pode ser dividida em várias etapas, sendo a última destacada por dois trabalhos considerados fundamentais na visão do professor: o Museu de Arte Contemporânea de Niterói e o Memorial da América Latina. Esses dois projetos representam, em conjunto, a maturidade da produção do gênio da arquitetura mundial.

O Memorial da América Latina pode ser entendido sob dois aspectos fundamentais, na opinião dele, a partir de duas forças essenciais: a primeira é a maturidade do trabalho, que se manifesta através de três elementos básicos com os quais Niemeyer construiu todo aquele complexo extremamente desa-

fiador. “Construir um teatro ou uma escola é relativamente comum, com referências estabelecidas. No entanto, quando lhe é pedido para criar um memorial da América Latina, não há precedentes a seguir”, aponta Ciro.

A partir de um programa totalmente inovador, Niemeyer utiliza três elementos construtivos essenciais – o pilar, a viga e a cúpula – para erguer o complexo. Isso demonstra uma genialidade impressionante, segundo Pironi. Niemeyer estabeleceu uma identidade única ao lugar, apesar das críticas sobre preferências pessoais, como a presença ou ausência de árvores, que são secundárias dentro de uma análise mais profunda da invenção arquitetônica. “Costumo dizer que é como o samba de uma nota só, em que um único elemento é usado para criar um complexo de mais de 80 mil metros quadrados. Isso é, sem dúvida, uma maravilha”, acrescenta.

A Praça Cívica é marcada pela imponente escultura *Mão*. A peça é um poderoso símbolo que revela um mapa da América Latina esculpido na palma da mão. A obra atua como um ponto de reflexão para os visitantes, simbolizando o sangue derramado e os sacrifícios feitos pelos povos do continente, e serve como um lembrete constante da luta pela liberdade e justiça social.

Por trás desse símbolo, porém, reside uma rica tradição arquitetônica que foi iniciada pelo arquiteto sueco mais influente do século XX, Le Corbusier.

Em 1936, Le Corbusier foi convidado por Lúcio Costa a vir ao Brasil para colaborar no projeto do Ministério da Educação e Saúde. Naquela época, um jovem Oscar Niemeyer era estagiário de Lúcio e teve a chance de trabalhar lado a lado com o renomado arquiteto. Le Corbusier, conhecido por sua sede do governo de Chandigarh na Índia, projetou uma estrutura emblemática conhecida como *Mão Aberta*, que simboliza a paz a partir de uma estrutura em concreto.

Oscar Niemeyer estava familiarizado com essa “mão aberta”. Em sua própria criação, ele desenvolveu uma mão diferente, mas igualmente aberta, e no centro incluiu a América do Sul e Cuba, marcada com um traço vermelho que representa o sangue derramado devido ao boicote norte-americano à ilha. “Ele tinha plena consciência do significado dessa referência a Le Corbusier e demonstrava grande carinho por esse desenho da mão. Mostrava para todo mundo antes mesmo da inauguração do Memorial”, conta Ciro.

A visão de Darcy Ribeiro

Se Oscar Niemeyer foi o gênio que desenhou a estrutura do principal complexo cultural de São Paulo, então quem teve a visão brilhante que originou essa ideia?

A resposta é revelada em cada passo dado pelo Pavilhão da Criatividade.

Darcy Ribeiro, cujo nome batiza o pavilhão, foi um antropólogo e intelectual brasileiro que tinha uma perspectiva crítica e, ao mesmo tempo, compreensiva sobre o relativismo cultural. Ele defendia a importância de entender e respeitar as diversas culturas em seus próprios termos, sem julgamento aos padrões externos ou etnocêntricos.

Para Ribeiro, cada cultura possui um valor próprio e deve ser analisada dentro de seu contexto histórico e social. Ele enxergava o relativismo cultural como uma ferramenta importante para combater preconceitos e promover uma convivência mais harmoniosa entre diferentes povos. No entanto, Darcy também alertava sobre os perigos do relativismo absoluto, que poderia justificar práticas violadoras de direitos humanos fundamentais.

A criação do Memorial da América Latina está profundamente enraizada na obra e nos ideais de Darcy. Sua obra, *O Povo Brasileiro*, é um testemunho de sua paixão pela diversidade cultural e pela integração social.

Para o antropólogo, o Memorial significava a materialização de sua visão de uma América Latina unida e forte, capaz de reconhecer e celebrar suas raízes enquanto se projeta para um futuro de solidariedade e cooperação. Em suas palavras durante a inauguração, o museu é “o primeiro gesto realmente brasileiro de chamar os latino-americanos para congregar. Ele estará funcionando diariamente para todas as crianças de escola visitarem para ver seus ancestrais e terem orgulho de serem descendentes de negros, indígenas ou imigrantes. Isso daqui é um ato de integração. É a nossa cultura latino-americana olhando para si mesma, com orgulho de si e se cultivando”.

Em 2024, ao celebrar seus 35 anos, o Memorial da América Latina ofereceu uma programação especial de aniversário que incluiu uma série de eventos que destacam a relevância contínua do Memorial como um centro de troca cultural e conhecimento. Mostra de cinema, apresentações artísticas e feiras são apenas algumas das atividades realizadas durante o ano.

Com o centenário do professor completado em 2022, a celebração do museu é uma oportunidade para refletir sobre os desafios e as conquistas da integração latino-americana ao longo das últimas décadas. O Memorial da América Latina permanece como uma demonstração da continuidade dos ideais de Darcy, inspirando novas gerações a valorizar e lutar pelo rico horizonte cultural de nossos povos.

Do terreno baldio ao centro cultural

Ao longo de 35 anos, o Memorial da América Latina trouxe cultura e união a toda a região, além de provocar uma transformação irreversível no bairro da Barra Funda.

Na década de 1970 e 1980, a Barra Funda era um bairro tranquilo, com poucas ruas pavimentadas, escasso comércio e infraestrutura limitada, distante da imagem urbana e moderna que

conhecemos atualmente. Hoje, o bairro é um centro completo, com espaços para shows, arranha-céus, shopping centers e um estádio de futebol reconhecido em todo o Brasil.

"Onde hoje é o Memorial, era um terreno baldio", lembra Claudio Magalhães, morador da Barra Funda há mais de 50 anos. "Antes do Memorial e do metrô, só tínhamos as indústrias Matarazzo. Quando a estação começou a funcionar na década de 1980 e o Memorial foi inaugurado logo depois, tudo começou a mudar".

Claudio compartilha como a chegada das universidades Uninove e UNIP, prédios e grandes redes de supermercados nos anos 1990 transformaram o bairro. "Antes, tínhamos que ir até o centro para fazer compras maiores de itens básicos".

No entanto, nem todas as mudanças foram positivas. "O crescimento foi desordenado", diz Claudio. "Muitos construtores e empresários não consultaram os moradores antes de construir, resultando em inúmeros prédios e pouco verde". Ele explica que essa desordem levou a problemas na estrutura do bairro e no cuidado do próprio Memorial. "Antes, tudo era uma vila, mas foi derrubada para dar lugar a vários edifícios".

A rápida urbanização trouxe desafios, incluindo a insegurança. "As histórias das crianças brincando no terreno baldio e nas linhas de trem que passavam de hora em hora são coisa do passado", reflete Claudio.

Em contrapartida, a contribuição cultural do Memorial foi inestimável. "Muitos moradores e paulistas não teriam tido a oportunidade de assistir a shows, peças de teatro ou exposições sem o Memorial", conta. "Minha mãe e minha tia assistiram aos primeiros shows da vida delas nos anos 1990 no Auditório Simón Bolívar".

Claudio, que é curador de eventos e exposições, organizou há alguns anos o *BaFm*, uma homenagem ao bairro que ele tanto ama, trazendo artistas locais e da região central para expor suas criações. "Assim como os antigos moradores da vila dos ferroviários, meu amor pelo local continua vivo".

Perguntamos a Claudio sobre a importância de novos expositores latino-americanos no Memorial. Ele considera incrível. "É maravilhoso para a visibilidade e para unir as nações, um trabalho que é feito desde a abertura do espaço".

Da virada do século ao legado cultural

Para a maioria das pessoas, o ano de 1999 representava a certeza do fim dos tempos. Para Laís Camille Camargo Barbosa, gerente de produção cultural e projetos do Memorial da América Latina, a virada do século marcava o início de uma jornada profissional repleta de dedicação e experiências que moldariam sua carreira pelos próximos 24 anos.

Após passar no único concurso público que oferecia apenas uma vaga para atender às demandas da Fundação, Laís conquistou o cargo em 27 de abril de 2000, uma data que ela lembra com orgulho e precisão, sendo a primeira pessoa concursada a ser chamada para trabalhar no Memorial.

Laís conheceu o museu quando ele ainda era uma criança de 10 anos. Sua primeira função foi no Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL), onde eram realizados eventos de nível acadêmico. "Aqui, nesse lugar, nós já recebemos grandes escritores e artistas como Lígia Fagundes Telles, Antônio Cândido, José Mindlin. Recebemos também a exposição do Botero, além da exposição dos painéis *Guerra e Paz* de Cândido Portinari. O Memorial foi o primeiro lugar a receber a itinerância dos painéis restaurados no Brasil antes de voltarem para a ONU", relembra.

Como um verdadeiro aniversário latino, o Memorial divide a festa com o *Coala Festival*, que completa 10 anos em 2024. O evento homenageia grandes nomes da música brasileira e abre portas para a nova geração, sendo pioneiro na tropicalização dos festivais no país. Nomes como Jorge Ben Jor, Péricles, Jards Macalé, Fafá de Belém e Simone já marcaram presença em edições passadas.

Ao falar do setor musical, Laís guarda com carinho a lembrança do espetáculo que reinaugurou o auditório Simón Bolívar após o trágico incêndio de 2013, um evento que ela teve a honra de produzir e dirigir. "Esse foi um momento muito marcante para nós, porque trabalhávamos naquele espaço e foi um incêndio de grande porte. O espaço ficou fechado por mais de quatro anos. Esse show de reinauguração chamava *Jazz & Ditu*, uma homenagem a Elza Soares. Tivemos a participação da Brasil Jazz Sinfônica, além da própria Elza", conta.

O evento também contou com Sandra de Sá, Rosana, Baby do Brasil, Vânia Bastos, Paula Lima e a atriz Vera Fischer como mestre de cerimônia. O show foi um marco para os funcionários e teve transmissão na TV Cultura.

Sobre o incêndio, Laís lembra exatamente como o dia se desenrolou. Ela estava no local até meia hora antes do fogo começar. "Eu me emociono muito, porque amo trabalhar aqui e aquele momento foi bem assustador, pois não sabíamos de fato o que estava acontecendo. Foram 13 horas de combate ao incêndio e mais de 100 viaturas do corpo de bombeiros vieram até aqui. Foi marcante e difícil, e, depois de 4 anos, tive a honra de reinaugar esse auditório".

Contudo, ao longo de 24 anos na Fundação, não foi apenas um momento que impactou e marcou a memória de Laís. Ela destaca duas exposições que chamaram a atenção do público: a do *Chaves* e a do *Castelo Rá-Tim-Bum*, símbolos da cultura brasileira e latino-americana. Ambas foram imersivas e carregaram a bagagem emocional da infância e adolescência do público brasileiro.

Laís conta com carinho sobre o *Revelando São Paulo*, festival dedicado à cultura paulista, realizado normalmente no mês de setembro. O evento é um resgate das tradições do estado e acontecia no Parque da Água Branca. Tradicionalmente, o cortejo partia do Memorial da América Latina e seguia até o parque levando a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Naquela época, o festival reunia produtores de alimentos, artesãos e artistas de todas as regiões de São Paulo. Havia shows de violões, tropeiros, congadas e apresentações de música sertaneja, entre outras manifestações culturais. O artesanato paulista também era um destaque, com várias barracas e exposições.



Arte feita pelo artista JAL para o evento de 35 anos do Memorial

Atualmente, a Secretaria da Cultura realiza versões menores do *Revelando São Paulo* em cidades do interior, mas antigamente o evento principal acontecia apenas na capital. "Minha filha mais velha, que hoje tem 27 anos, participou de um dos cortejos quando tinha uns 10 anos. Ela adorava andar no carro de boi e, em uma dessas ocasiões, montou até em um cavalo. Lembro também de um show do Almir Sater que aconteceu. Ela estava toda vestida de caubói, com chapéu e tudo, e ele a chamou no palco. Na época, ela tinha uns 12 anos. Esses momentos são lembranças queridas da nossa participação na vida cultural do Memorial da América Latina", diz.

A importância do museu pode ser encontrada

em todos os cantos dos seus 84.840m² de extensão. Isso porque há uma imponente intrínseca ao espaço que carrega nas suas costas o símbolo de memória de um povo em busca de sua identidade coletiva. "Mesmo antes de eu começar a trabalhar aqui, este lugar já havia sido visitado por ícones como Mercedes Sosa, Ballet de Cuba, Chico Buarque, Milton Nascimento, Djavan, Beth Carvalho e Fidel Castro", ressalta Laís.

A lembrança desses nomes ilustra como essas e outras figuras dialogam de alguma forma com as gerações que vieram antes, durante e depois dos 35 anos de existência e resistência desse espaço, consolidando-o como o maior ponto de encontro latino-americano nas Américas. •



Texto por:
Isabella Vilela
Jornalista, pós-graduada em Jornalismo Cultural e de Entretenimento com foco em diversidade, narrativas imersivas e análise crítica.



Texto por:
Lucca Rodrigues
Formado em Publicidade e Propaganda e agora aluno de pós graduação em Jornalismo Cultural e de Entretenimento, adora se comunicar pelos mais diversos meios. É apaixonado por TV, Podcasts e por grandes metrópoles.